

Cacau, imprensa e urbanização

A inauguração do Estádio Mário Pessoa, em Ilhéus, e a repercussão nacional

Cocoa, press, and urbanization: the inauguration of Mário Pessoa Stadium in Ilhéus and its national repercussion / Cacao, prensa y urbanización: la inauguración del Estadio Mário Pessoa, em Ilhéus, y la repercusión nacional

Marcial Cotes

Doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor titular do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc) e colaborador no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil.
mcotes@uesc.br

Elvis Barbosa

Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), Brasil.
elvisb@uesc.br

RESUMO

O artigo analisa a reconfiguração urbana de Ilhéus (1890-1942), impulsionada pela economia cacaeira. A construção do Estádio Mário Pessoa, do Ginásio Municipal e de obras urbanas, como pavimentação e iluminação pública, consolidou a cidade como centro regional. O futebol foi utilizado como símbolo de progresso e civilidade, enquanto a imprensa empenhou-se em projetar a imagem de que Ilhéus “representava o ethos da região cacaeira”, consagrando-a como a “Princesa do Sul”.

Palavras-chave: urbanidade; cacauicultura; esporte; educação.

ABSTRACT

The article analyzes the urban reconfiguration of Ilhéus (1890-1942), driven by the cocoa-based economy. The construction of the Mário Pessoa Stadium, the Municipal Gymnasium, and urban works such as paving and public lighting consolidated the city as a regional center. Football was employed as a symbol of progress and civility, while the press strove to project the image that Ilhéus “represented the ethos of the cocoa region,” consecrating it as the “Princess of the South.”

Keywords: urbanity; cocoa farming; sports; education.

RESUMEN

El artículo analiza la reconfiguración urbana de Ilhéus (1890-1942), impulsada por la economía cacaotera. La construcción del Estadio Mário Pessoa, del Gimnasio Municipal y de obras urbanas, como el pavimento y la iluminación pública, consolidó a la ciudad como centro regional. El fútbol fue empleado como símbolo de progreso y civilidad, mientras que la prensa se empeñó en proyectar la imagen de que Ilhéus “representaba el ethos de la región cacaotera”, consagrándola como la “Princesa del Sur”.

Palabras clave: urbanidad; cacaoicultura; deporte; educación.

Apesar da saudade, em Salvador havia praia, cinemas e muitos tipos de lazer que outras cidades não podiam oferecer. Esse modo de ver não era compartilhado pelo “grupo do cacau”. Seus membros faziam questão de mostrar que suas cidades (Ilhéus e Itabuna) eram centros urbanos mais desenvolvidos que a capital e que viam com bons olhos atribuir-lhes importância secundária

(Antônio Fernando Guerreiro de Freitas, p. 14, 2023)

Vila de São Jorge dos Ilhéus, uma breve introdução

A fundação da Vila de São Jorge do Rio dos Ilhéus, em 1537, marcou uma das mais antigas ocupações portuguesas no Brasil. O impulso inicial veio dos engenhos de cana-de-açúcar, responsáveis por dinamizar a economia local, mas que entraram em decadência a partir do século XVII. Não obstante, vilas ao norte continuaram produzindo gêneros agrícolas, enquanto Ilhéus mergulhava em crise (Dias, 2011). Entre 1862 e 1889, a extração de madeira e a produção de cachaça assumiram papel importante na arrecadação tributária, configurando-se como alternativas econômicas, ao mesmo tempo em que Entradas e Bandeiras ampliava a ocupação do interior e aldeamentos religiosos se consolidavam ao longo do rio Cachoeira (Loyola; Gutiérrez, 2024).

A verdadeira reconfiguração urbana ocorreu após o ciclo inicial do cacau no final do século XIX e início da centúria de XX, quando Ilhéus se transformou em polo regional, com a primeira reforma urbanística da sua principal avenida no decênio de 1920, tendo como intendente Mario Pessoa (Silva; Cotes, 2023). Entretanto, o processo de urbanização da urbe se deu de forma desordenada, e os planos diretores de 1933 e 1938, embora pioneiros no Brasil, tiveram impacto limitado na reorganização do espaço urbano. Ainda assim, essas iniciativas demonstravam um município atento às novas diretrizes do processo de urbanização que se desenvolvia no Brasil, estabelecendo regras claras para o ordenamento da cidadina, que tinha por meta “marcar, localizar e traçar vias; dispor praças, jardins públicos, parques, espaços livres, cais; destacar e valorizar edifícios públicos e monumentos e, por fim, indicar os usos e funções dos bairros” (Oliveira, 2008, p. 96). O segundo plano diretor – Novo Plano Regulador da Cidade de Ilhéus, de 1938 – trouxe como inovação “uma nova legislação urbana e sanitária, a expansão por toda a ilha até o canal de Itaípe e a criação de uma comissão técnica constituída de todas as camadas sociais no acompanhamento de sua execução” (p. 99).

A partir de 1890, Ilhéus experimentou um fenômeno que propiciou aos seus habitantes, e, conseqüentemente, à Bahia, um valor significativo no ciclo de dinamização econômico, com relevância regional e estadual. Esse fenômeno

foi impulsionado pela monocultura do cacau (Freitas, 2023; Freitas; Paraíso, 2001; Mahony, 2007; 1996; Garcez; Freitas, 1975), que teve implicações diretas na reorganização urbana (Silva; Cotes, 2023) e, por conseguinte, desencadeou transformações nas áreas da educação, do lazer e do esporte (Dias; Cotes, 2022). As mudanças ocorridas no período de 1890 a 1942 foram incentivadas de forma acelerada, e o cenário urbano converteu-se drasticamente na busca pela modernidade (Silva; Cotes, 2023).

A análise das séries históricas de produção e exportação de cacau entre 1901 e 1940 evidencia a consolidação dessa cultura como motor econômico da região (Figura 1). Os gráficos A (1901-1920) e B (1921-1940) apresentam a quantidade de cacau exportada em toneladas, o valor desta exportação em mil réis e a receita total das exportações do estado da Bahia. No primeiro recorte temporal, verifica-se o início de um crescimento consistente; a produção, ainda oscilante nos anos iniciais, atingiu patamares mais elevados a partir da década de 1910, revelando o papel crescente do cacau na economia baiana. Para o segundo recorte (gráfico B), a centralidade do produto torna-se evidente, especialmente no decênio de 1930, quando o cacau representou, entre os anos de 1932 e 1940, mais da metade das exportações estaduais, consolidando sua relevância econômica (Freitas, 2023).

Os dados confirmam que, apesar das oscilações decorrentes de pragas, enchentes e instabilidades do mercado internacional, a tendência geral foi de expansão. Com base nas investigações de Freitas (2023), mesmo nos cenários de guerra os grandes comerciantes tiveram bonanças. A partir de 1923, as exportações ultrapassaram 60 mil toneladas, alcançando mais de 70 mil em 1927-1928. O ápice da curva ascendente ocorreu na segunda metade da década de 1930, com 95.860 mil toneladas em 1932, 125.994 mil em 1937 e 128.585 mil em 1939 (Freitas, 2023). Ao comparar a quantidade exportada de cacau com o valor total das exportações baianas, constata-se a progressiva centralidade do produto na economia regional ao longo das quatro primeiras décadas do século XX.

É importante considerar que Freitas (2023) e Garcez e Freitas (1975) apontam dificuldades na padronização das séries iniciais, uma vez que os registros de cabotagem só se encontram disponíveis a partir de 1921 e que as exportações de amêndoas diretamente pelo porto de Ilhéus – denominadas de longo curso – iniciaram-se apenas em 1926. Ademais, essas exportações sofreram influência de disputas locais e interesses regionais, que frequentemente buscavam inflar os números para ressaltar a importância do porto de Ilhéus.

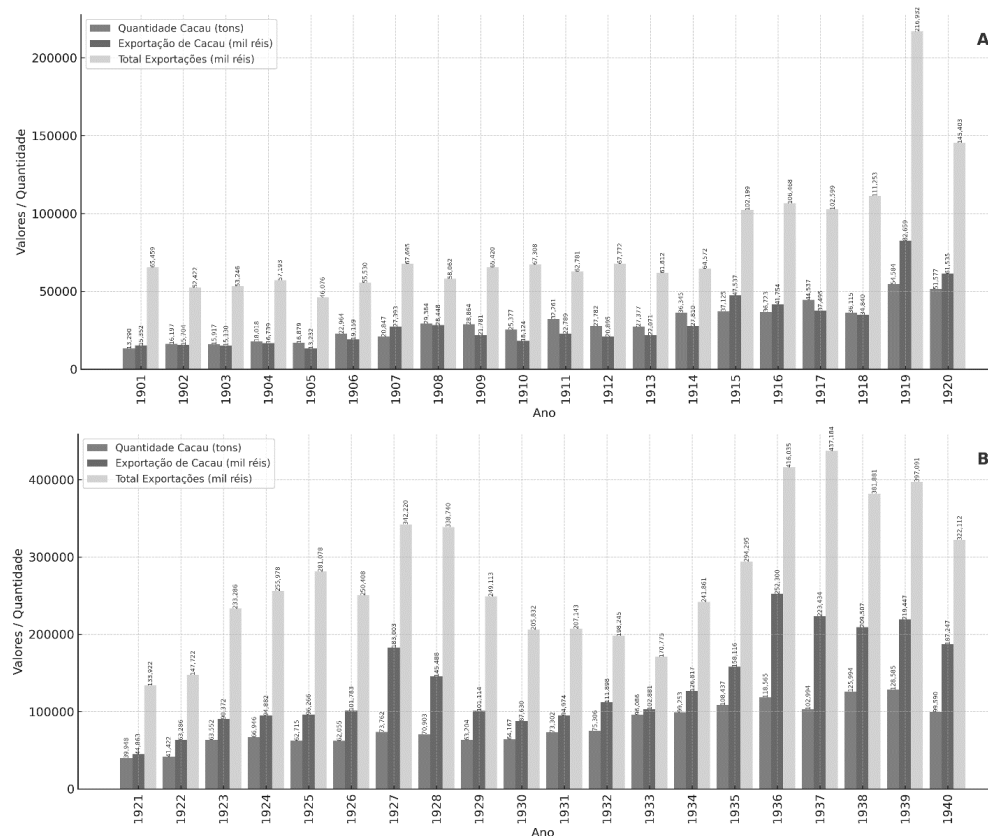


Figura 1 – Os gráficos A (1901-1920) e B (1920-1940) apresentam a quantidade de cacau exportada em toneladas, o valor desta exportação em mil reais e a receita total das exportações do estado da Bahia (Bahia 1901-1926).
 Fonte: adaptado pelos autores de Freitas (2023, p. 258)

A análise da superfície cultivada no recenseamento de 1920 (Figura 2) mostra que a produção estava distribuída entre Belmonte, Canavieiras, Ilhéus, Itabuna e Una, mas que Ilhéus se destacava de forma assaz. O município liderava tanto em extensão de terras cultivadas (64.135 ha) quanto em número de cacauzeiros plantados (44.894.666), em contraste com Belmonte (8.246.334), Canavieiras (6.915.480), Itabuna (18.470.991) e Una (2.323.903). Essa supremacia reafirma a posição de Ilhéus como centro da economia cacauzeira, explicando por que parte dos recursos gerados se transformava em dividendos para os cofres municipais e para os produtores locais. Dessa forma, o cultivo do cacau sustentou a recuperação econômica da antiga Vila de São Jorge e contribuiu para projetar Ilhéus como símbolo de modernização e prosperidade regional, estruturando a economia baiana e redefinindo o espaço urbano nas primeiras décadas do século XX.

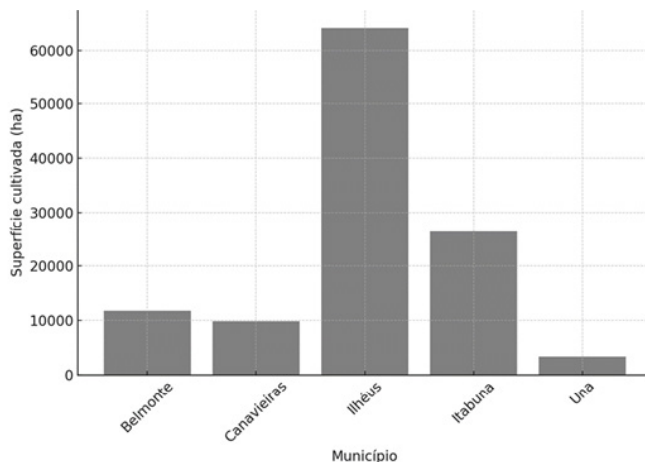


Figura 2 – Superfície cultivada no recenseamento de 1920. Fonte: adaptado pelos autores de Freitas (2023, p. 240)

A reconfiguração urbana de Ilhéus

Este artigo tem como finalidade analisar os processos de aquisição e edificação do Estádio Municipal Mário Pessoa, no período de 1930 a 1942. Além disso, busca-se descrever a repercussão de tal feito e compreender as relações e os discursos de progresso que, conforme observa Albuquerque Jr. (2011), não podem ser entendidos como realidade objetiva, mas como construções simbólicas e políticas que orientaram o plano de modernização da prefeitura para a “Princesa do Sul”, por meio da reforma urbana e das mudanças nos costumes.

No litoral Sul baiano, o surto de investimentos ligados ao cacau deslocou o polo dinâmico da economia estadual entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, o que permitiu ações de melhoramentos e embelezamento, com a intenção de produzir uma imagem de civilidade (Ribeiro, 2005). À luz de Albuquerque Jr. (2011), “progresso” perpassa por um repertório discursivo mobilizado por agentes e instituições; e, conforme Hobsbawm (1984), tal repertório se legitima pela invenção de tradições – isto é, pela formalização e ritualização de práticas e símbolos que naturalizam uma nova ordem. Em Ilhéus, isso ganhou concretude com intendências como as de Domingos Adami de Sá (1904-1908) e Mangabeira-Lavigne de Lemos (1908-1912) – porto, redes de água e esgoto, calçamento e demolições –, com o Código de Posturas de 1924 e a primeira urbanização de sua principal avenida na primeira gestão de Mário Pessoa (Silva; Cotes, 2023) – zoneamento, alinhamentos, incentivos à reconstrução – e, nos anos 1930, com cortes de morros – Conquista, Vitória, Boa Vista –, abertura das avenidas Itabuna e Canavieiras, criação dos bairros Cidade

Nova e Malhado e adoção de planos diretores – Manoel Da Rin e Arquimedes de Siqueira Gonçalves (1933); Paulo Peltier de Queiroz (1938) – sob Eusínio Gaston Lavigne (Ribeiro, 2005). Arquitetos e engenheiros – a exemplo de Salomão da Silveira – e uma elite bacharelesca e coronelística importaram modelos estéticos europeus (neoclássicos/ecléticos e, depois, modernistas), legitimando intervenções como a demolição da antiga igreja seiscentista de São Sebastião e a imposição de platibandas e fachadas modernas, enquanto o porto integrava a urbe aos circuitos nacionais (Ribeiro, 2005; Silva; Cotes, 2023).

O processo foi seletivo e hierarquizador. Ao mesmo tempo em que alinhou ruas, ergueu palacetes e dotou o centro de equipamentos simbólicos – culminando, no segundo ciclo Mário Pessoa (1938-1942), com grandes obras e a consolidação de eixos monumentais –, empurrou moradias populares para encostas e baixadas, consolidando periferias (Conquista, São Sebastião, Pontal) e cristalizando uma cidade estratificada (Ribeiro, 2005). Nessa perspectiva, a modernização descreve um arranjo político-urbano feito de normas (Código de Posturas de 1924, desapropriações, decretos), obras, agentes locais e repertórios metafóricos que buscavam traduzir referências externas de civilidade para a “Princesa do Sul”. A legitimação desse arranjo operou-se ainda por tradições inventadas (Hobsbawm, 1984): toponímias honoríficas, estatuária, ritos cívicos, imagens e fórmulas recorrentes na imprensa repetiram, formalizaram e difundiram a narrativa de cidade ideal, produzindo simultaneamente visibilidade para as elites e exclusão para os grupos subalternizados (Ribeiro, 2005). Entre essas metamorfoses, destacam-se a adesão ao lazer, a valorização da educação e a construção de um estádio municipal (1940) de proporções épicas para a cidade e região.

Seguindo essa perspectiva, Minayo (2002) nos ensina a valorizar a relevância de se analisar o papel do sistema social dentro da historiografia. A autora argumenta que as comunidades evoluem baseadas nas influências do passado, em um fluxo ininterrupto de reformas. Nesse sentido, há uma tensão constante entre as estruturas estabelecidas e aquelas em formação, o que reflete as dinâmicas de transformações históricas (Minayo, 2002). Já Pesavento (2003) sugere que o acesso a um grande conjunto de conhecimentos disponíveis pode ampliar as oportunidades de novas conexões e interações, permitindo uma melhor compreensão sobre o crescimento e a evolução da cidade.

De acordo com a linha de raciocínio de Albuquerque Jr. (2011), a modernidade no Nordeste não se restringiu às reformas urbanas, mas ainda se manifestou em representações culturais diversas, como a literatura, a música e a imprensa, que ajudaram a compor um repertório de novas identidades regionais. Tal

perspectiva evidência que a suposta modernidade de Ilhéus, marcada pelas obras urbanas e esportivas, deve ser lida em diálogo com um processo cultural mais amplo, no qual a região buscava afirmar uma representatividade própria, ainda que articulada a partir dos centros urbanos do Sudeste – ou, como observado por Albuquerque Jr. (2011), do sul. Nesse sentido, “os próprios modernistas achavam que a consciência regional era a primeira forma de manifestação da consciência nacional” (Albuquerque Jr., 2011, p. 63). Assim, embora o Rio de Janeiro fosse a capital política e cultural do país, e os políticos em Ilhéus buscassem impressionar essa esfera que orquestrava as decisões ideológicas, a urbe se apresentava esteticamente reelaborada a partir da cultura do cacau, convertendo suas práticas econômicas e urbanas em signos da modernidade regional inserida no cenário brasileiro.

Para compreender as movimentações históricas e sociais que envolveram a construção do Estádio Mário Pessoa no recorte de 1930 a 1942, adotou-se um percurso metodológico centrado na análise documental. Foram consultadas edições disponíveis no Centro de Documentação Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz (Cedoc/Uesc), bem como nos periódicos *Jornal Oficial de Ilhéus* e *Diário da Tarde*. Esses jornais locais oferecem uma visão detalhada das ações da prefeitura, das alterações públicas sobre urbanização e lazer, e das mudanças nos costumes da população, fornecendo uma perspectiva interna sobre o processo de modernização da urbe.

Além disso, a pesquisa se estendeu à análise da repercussão da inauguração do Estádio Municipal Mário Pessoa tanto dentro quanto fora do estado da Bahia. Para isso, foram consultados jornais disponíveis no Arquivo da Hemeroteca Digital e na Biblioteca Pública Central do Estado da Bahia, em Salvador, o que permitiu traçar um panorama mais amplo das percepções sociais e políticas em torno do objeto deste estudo. A copiosa cobertura midiática, especialmente em periódicos de circulação estadual e nacional, permitiu investigar como a construção do estádio foi associada às intenções de progresso e às reformas urbanas na cidade.

Nesse sentido, o estudo de Conde e Shaw (2022) sobre os “modernismos vernáculos” do Rio de Janeiro permite um paralelo fecundo com a experiência de Ilhéus. Assim como a então capital federal buscava afirmar sua modernidade por meio de reformas urbanas inspiradas em modelos parisienses, mas traduzidas em práticas e símbolos locais, Ilhéus, no período do recorte desse estudo, também construiu seu urbanismo inspirado em padrões externos de civilidade e progresso. Contudo, essa modernidade foi adaptada à realidade da lavoura cacaueira, articulando recursos provenientes do “fruto de ouro”

com projetos educacionais, esportivos e arquitetônicos. Dessa forma, a urbe interiorana projetava-se como polo de progresso regional, ainda que em diálogo com referências externas, reafirmando a ideia de que a modernidade brasileira não se limitou ao eixo Rio-São Paulo, mas assumiu formas diversas em cidades intermediárias.

A triangulação dessas fontes primárias, combinada com o diálogo com a literatura, possibilitou uma análise das intenções e estratégias de progresso material e simbólico. A análise documental foi realizada com base nos princípios da história social, buscando compreender as narrativas subjacentes ao discurso oficial e as possíveis tensões. Dessa forma, esta pesquisa examina as práticas que legitimaram as transformações urbanas, culturais e suas reverberações.

O Ginásio Municipal de Ensino e o Estádio Mário Pessoa

A cidade de Ilhéus passou por acentuadas mudanças em seu estilo de vida, além das contínuas transformações urbanas no recorte desta investigação. Entre essas mudanças, destacam-se os avanços no acesso à educação, ao lazer e à adoção do esporte, com ênfase no futebol (Dias; Cotes, 2022; Santana et al., 2022; Norte et al., 2022), amplamente incentivado pelas políticas nacionais como uma “prática moderna” (Silva e Cotes, 2023). O futebol, em particular, tornou-se um símbolo desse processo de modernização, mais nitidamente a partir do desempenho da equipe local no Torneio Intermunicipal de 1921, realizado em Salvador (Santana et al., 2022), pois estava diretamente associado ao ideal de civilidade europeu, consolidando-se como um desporto trazido do “Velho Mundo” que, aos poucos, foi ganhando espaço e adesão nas camadas urbanas e populares da região.

O estímulo ao futebol não se deu apenas pela prática esportiva em si, mas ainda pela capacidade de representar uma nova era de civilidade e progresso, alinhada com o ideal europeu que permeava o discurso de modernização no Brasil. A inauguração do Estádio Municipal Mário Pessoa, em 1940, pode ser vista como uma materialização dessas aspirações modernizadoras. A monumentalidade do estádio não servia apenas para a promoção do futebol, mas intencionava projetar uma imagem de progresso e desenvolvimento urbano em Ilhéus, conectando a cidade às tendências e às demandas do que vinha acontecendo no Brasil (Ferreira, 2008).

Em perspectiva comparada, a leitura de Conde e Shaw (2022) sobre a Exposição do Centenário de 1922 no Rio de Janeiro – concebida como um “espetáculo de modernidade” voltado a afirmar a nação perante públicos domésticos e externos – oferece uma analogia interpretativa para Ilhéus. À

semelhança do Rio, que mobilizou arquitetura, mídia e eventos para encenar a modernidade, Ilhéus articulou imprensa, política e esporte para transformar o Ginásio Municipal de Ensino (1939) e o Estádio Municipal Mário Pessoa (1940) em vitrines urbanas de design modernista. Em uma reflexão analítica do visível, as obras funcionaram como dispositivos de consagração pública do progresso local, traduzindo referências externas de civilidade em uma cena urbana ancorada no capital simbólico e material do cacau.

Não obstante, o incentivo ao lazer e ao esporte como instrumentos de formação moral e cidadã era parte de um movimento mais amplo de reformas sociais e urbanas. Essas práticas eram vistas como formas de disciplinar a população, melhorar a saúde pública e integrar Ilhéus aos projetos nacionais de desenvolvimento, em um momento de mudanças no cenário político nacional (Ferreira, 2008). Além da tentativa da aristocracia local de transformar a cidade em um modelo regional de modernidade, havia o desejo de reposicionar Ilhéus, para que deixasse de ser vista como uma periferia ou hinterlândia e se transformasse em centro (Russel-Wood, 1998). O futebol, ao emergir como principal esporte de massa, desempenhou um papel central nesse processo, tanto como prática esportiva quanto como parte de uma agenda cultural que buscava afirmar o pertencimento da cidade a um novo tempo de avanços (Silva; Cotes, 2023; Santana et al., 2022).

Nesse contexto, o esporte bretão, tanto como exercício quanto como espetáculo, tornou-se um meio simbólico e prático para a construção dessa nova realidade urbana. Ademais, as novas edificações na cidade tinham um propósito que ia além da funcionalidade, pois refletiam o avanço e a aceitação da modernidade na região. Logo, a maioria dos prédios públicos da Bahia, durante o início do século XX, eram construções modernistas (Andrade Júnior et al., 2010), incluindo, neste rol, o Ginásio Municipal de Ilhéus (1939) e o Estádio Municipal de Ilhéus (1940). A viabilidade de projetos arquitetônicos modernistas, por sua vez, foi possibilitada pelos desdobramentos políticos que ocorreram na Europa durante o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, os quais culminaram na fuga de vários profissionais qualificados para outros países (Vianna Neto, 2014). Ademais, o engenheiro e arquiteto Alexandre Altberg, ao trazer consigo fundamentos da Bauhaus – escola modernista que redefiniu os princípios da arquitetura, do design e da engenharia –, contribuiu para difundir no Brasil uma visão integrada entre arte e técnica, cujas propostas inovadoras dialogaram com a obra pioneira de Gregori Warchavchik e exerceram influência direta sobre a formação da chamada escola carioca de arquitetura moderna (Moreira, 2005; 2009; Vianna Neto, 2014).

Nesse panorama, em maio de 1934, foi publicado no periódico *Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal* o resultado de um concurso realizado em Ilhéus (Figuras 3 e 4). O edital, lançado um ano antes, visava à concepção de um ginásio de ensino, com uma verba de 400:000\$ contos de réis, destinado a atender a uma demanda de 400 alunos, com, no máximo, 40 alunos por sala. Os vencedores foram Alexandre Altberg, em conjunto com Lélío Landucci. Na edificação de um Ginásio Municipal, o edital previa a construção de um complexo esportivo como seu anexo.¹

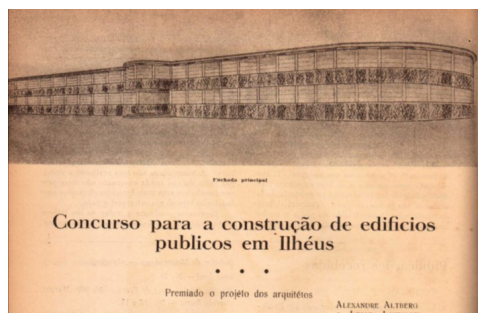


Figura 3 – Fachada do Ginásio Municipal de Ilhéus, atual Instituto Municipal de Ensino Eusínio Gaston Lavigne. Fonte: *Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal*, ano 2, n. 10, 1934, p. 5



Figura 4 – Vista aérea da localização do complexo esportivo educacional. Fonte: *Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal*, ano 2, n. 10, 1934, p. 7

Os jornais da capital federal também repercutiram o resultado do concurso. O *Correio da Manhã*,² de 7 de abril de 1934, página 3, trouxe a manchete: “Para a construção de edifícios públicos em Ilhéus foi premiado o projeto dos arquitetos Alexandre Altberg e Lélío Landucci”. A reportagem informa que, além do complexo educacional e esportivo, foram selecionados os anteprojetos do matadouro e do mercado, assinados pelo arquiteto Ricard Wriedt, de origem alemã, e que a penitenciária prevista inicialmente foi eliminada da proposta. O jornal ainda destacou a capacidade de compreensão das demandas pedagógicas no projeto do Ginásio Educacional, ressaltando que as salas de aula foram projetadas voltadas para o sul, com “iluminação e aeração natural resolvidas [...] pátios de recreação e campo de esportes com estádio” (*Correio da Manhã*, 1934, p. 3). Além disso, apresentou os nomes da comissão julgadora: o professor

1 Biblioteca Nacional Digital (BNDigital). ALTBERG, Alexandre; LANDUCCI, Lelio. Concurso para a construção de edificios em Ilhéus. *Revista da Diretoria de Engenharia*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 6-9, 1934.

2 BNDigital. Para a construção de edifícios públicos em Ilhéus – Foi premiado o projeto dos arquitetos Alexandre Altberg e Lelio Landucci. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 12.073, 7 abr. 1934, p. 3.

Emílio Baumgart; os arquitetos Angelo Bruhns e João Lourenço da Silva; e os médicos e higienistas Carlos da Veiga Lima, Luiz Lavigne de Lemos e Álvaro L. Moreno.

Não obstante, havia obstáculos que a prefeitura estava disposta a enfrentar, como o fato de que o local destinado à construção do estádio já abrigava o campo do Satélite Sport Club, um antigo colaborador do esporte e do lazer na urbe que completou cem anos em 2025 (Santana et al., 2022; Norte et al., 2022). Dessa forma, embora o edital tenha sido publicado em 1933 e o plano diretor (1933) já tivesse estabelecido a área para a construção, a concretização do estádio ainda era um sonho durante o mandato de Eusínio Gaston Lavigne.

À vista disso, em 23 de maio de 1933, o poder Legislativo estadual aprovou, por meio do decreto estadual n. 8.432, o plano de urbanização e saneamento de Ilhéus, que desencadeou o processo de desapropriações necessárias à sua execução.³ Isso possibilitou ao município implantar sua reforma urbana, formalizada pela promulgação da lei municipal de desapropriação n. 21, de 22 de outubro de 1936.⁴ Posteriormente, somente em 23 de agosto de 1941, já com o Estádio Municipal Mário Pessoa inaugurado, foi anunciado no *Jornal Oficial de Ilhéus* que o dr. Helio de Araujo, secretário do Satélite Sport Club, enviou um ofício ao prefeito agradecendo o primeiro pagamento de cinco contos de réis referente à desapropriação do antigo estádio, construído pela referida entidade.⁵ Em 16 de novembro do mesmo ano, o *Jornal Oficial de Ilhéus* publicou um segundo ofício do dr. Helio de Araujo, reconhecendo, em nome da agremiação, o pagamento do valor restante de dez contos de réis, totalizando o montante de quinze contos de réis pela venda do antigo estádio.⁶

É pertinente salientar que, em 1937, o município autorizou a abertura de créditos suplementares, em diferentes valores, para indenizar os proprietários de terrenos incluídos nos espaços destinados à nova organização urbana prevista.⁷ Isso somente foi possível porque Ilhéus, durante o decênio de 1930, experimentou um período de apogeu graças aos lucros provenientes da lavoura cacaeira, o que possibilitou investimentos tanto na reforma urbana quanto

3 Centro de Documentação Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz (Cedoc/Uesc). Ato n. 29. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 1, 2 ago. 1937, p. 2.

4 Cedoc/Uesc. Ato n. 40. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 1, 11 set. 1937, p. 11.

5 Cedoc/Uesc. Indenização. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 403, 23 ago. 1941, p. 5.604.

6 Cedoc/Uesc. O Satélite Sport Club agradece ao prefeito. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 426, 16 out. 1941, p. 5.797.

7 Cedoc/Uesc. Ato n. 29. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 1, 2 ago. 1937, p. 2; Ato n. 32. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 2, 7 ago. 1937, p. 23; Ato n. 33. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 2, 7 ago. 1937, p. 23; Ato n. 36. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 3, 14 ago. 1937, p. 41.

na educação. Em agosto de 1937, foi publicado no *Jornal Oficial* o Programa de Construção da Escola Profissional da cidade, que deveria incluir dois pavilhões, ginásio, piscina e praça de esportes, localizados em uma fazenda.⁸ O ginásio seria composto por um auditório, com piso em tacos e demarcações para a prática de basquetebol e voleibol. No ano seguinte, o mesmo periódico anunciou investimentos em atividades de sociabilidade por meio do ato n. 103, que destinou “auxílio de Rs. 2:000\$00 à Companhia Teixeira Pinto, que, em breves dias, realizará nesta cidade, no [cinema] Vitória-Palace, localizado na Praça Coronel Pessoa, uma série de espetáculos a preços populares”.⁹

Ainda em 1938, a prefeitura e os jornais manifestaram entusiasmo com a inauguração do Ginásio Municipal, idealizado pelo prefeito, que anos mais tarde daria seu nome à obra. No entanto, neste mesmo ano, surgiram evidências de discordâncias em relação ao processo de construção do estádio. Isso ficou claro por meio de um Edital de Protesto¹⁰ assinado pelo engenheiro Ozorio de Carvalho e Silva, que contestava a posição da prefeitura, acusando-a de quebra de contrato. Em quase uma folha inteira, foi detalhado o contrato com a construtora responsável pela edificação do ginásio. Durante as negociações para a aquisição do projeto por Ilhéus, ficou estabelecido no contrato que tanto o estádio quanto o auditório do ginásio excediam o valor arrecadado. Dessa forma, foi acordado que, quando fosse possível realizar essas obras complementares, um novo contrato deveria ser firmado. No entanto, em vez de seguir esse acordo, a prefeitura rejeitou o orçamento do engenheiro e publicou um novo edital de concorrência em 3 de novembro, convocando a participação do mesmo no processo.

Não foi possível localizar os desdobramentos do protesto mencionado, e o edital não atraiu participantes. Contudo, essa passagem revela o motivo pelo qual a construção do estádio não ocorreu simultaneamente à do Ginásio Municipal: a falta de recursos financeiros no ano correspondente. Em 1939, devido à ausência de candidatos para realizar as obras complementares (leia-se estádio), a prefeitura designou o engenheiro Eunápio de Queiroz, conforme estipulado em contrato, como responsável pela conclusão do empreendimento, com prazo até 31 de dezembro.¹¹ No aniversário da cidade, em 1939, além

8 Cedoc/Uesc. Programa de construção da Escola Profissional de Ilhéus. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 2, 7 ago. 1937, p. 28.

9 Cedoc/Uesc. Ato n. 103. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 103, 5 out. 1938, p. 1.180.

10 Cedoc/Uesc. Edital de protesto. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 85, 3 dez. 1938, p. 1.365.

11 Cedoc/Uesc. Obras complementares do Ginásio Municipal. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 104, 8 fev. 1939, p. 1.591.

da inauguração do Ginásio Municipal de Ensino, ocorreu um ato simbólico marcante: a colocação da pedra fundamental do Estádio Municipal de Ilhéus.¹²

Nesse período, Ilhéus já havia atraído atenção nacional devido às notícias sobre o rápido crescimento urbano, especialmente durante os mandatos ligados à família Pessoa no decênio de 1920 (Silva; Cotes, 2023). No decurso da segunda gestão do prefeito Mário Pessoa (1938-1942), além das notícias relacionadas às transações comerciais envolvendo o cacau, as manchetes destacavam as transformações da urbe e a busca pela modernização da cidade. As melhorias incluíam não apenas a nova iluminação pública, pavimentação e abertura de avenidas e ruas, mas ainda enfatizavam o papel do Ginásio Municipal de Ensino. Especial atenção foi dada ao “Stadium de Ilhéus”, elogiado por sua imponência, sendo considerado o maior estádio municipal da região Nordeste e o segundo maior do país, superado apenas pelo Pacaembu, em São Paulo (Soub, 2013; Santana et al., 2022).

Exatos quatro meses após a cerimônia de colocação da pedra fundamental do Estádio Municipal de Ilhéus, o *Jornal Oficial* da cidadina noticiou a autorização para a construção do Estádio Presidente Vargas em Salvador, decretada pelo interventor estadual da Bahia, Landulpho Alves, inaugurado somente em 1951 como Estádio Octávio Mangabeira. A obra foi viabilizada após a desapropriação dos terrenos ocupados e áreas adjacentes, concretizando uma “justa aspiração dos esportistas baianos”.¹³ Não obstante, àquela altura, Ilhéus, centro da “civilização do cacau”,¹⁴ no Sul da Bahia, já havia se adiantado no cenário esportivo e urbano de sociabilidade.

O protagonismo de Ilhéus não se restringiu apenas ao setor agrícola. Com os investimentos significativos em infraestrutura, como o Ginásio Municipal de Ensino e a previsão de um grandioso estádio, a cidade estava alinhada com o projeto de modernização urbana observado em outras capitais, como Salvador. Ilhéus, impulsionada pela economia do cacau e liderada por uma administração voltada para o progresso, antecipou-se a essas transformações, demonstrando sua capacidade de competir com grandes centros urbanos do estado. A construção do Estádio Municipal Mário Pessoa simbolizava essa

12 Cedoc/Uesc. A primeira pedra do Stadium de Ilhéus. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 94, 4 jan. 1939, p. 1.481.

13 Cedoc/Uesc. Stadium Presidente Vargas. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 426, 16 out. 1941, p. 5.797.

14 É pertinente salientar que a expressão “civilização do cacau” foi cunhada por Adonias Filho em *Sul da Bahia: chão de cacau (uma civilização regional)* (1976). De acordo com memorialistas ilheenses, a obra teria sido escrita a pedido da aristocracia cacaueira como resposta à repercussão da novela *Gabriela, cravo e canela* (Rede Globo, 1975), baseada no romance de Jorge Amado, que expôs personagens e situações reconhecíveis da elite local, provocando forte reação dessa camada social.

ambição, posicionando a urbe como um importante polo de desenvolvimento esportivo e urbano no Nordeste, reforçando a identidade e o prestígio regional conquistados ao longo da década pela economia cacauzeira.

Conforme noticiado no *Jornal Oficial*, o prefeito Mário Pessoa embarcou para São Paulo no início de abril de 1940, com a missão de tratar de assuntos administrativos do município, designado para uma comissão nomeada pelo governo do estado.¹⁵ Embora estivesse na cidade durante as festividades de inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu, em 27 de abril, não participou das celebrações. No mesmo dia, esteve presente em um almoço no restaurante do jornal *A Gazeta*. É relevante notar que o prefeito Mário Pessoa se encontrou com proeminentes jornalistas, como Cásper Líbero, Jorge de Lima e José Campelo, entre outros. O periódico *A Gazeta*, em sua edição de 31 de janeiro de 1940, dedicou uma página inteira à discussão sobre o desenvolvimento de Ilhéus e os esforços empreendidos pela prefeitura para modernizar a cidade.¹⁶

O papel de Cásper Líbero como editor do jornal *A Gazeta* e promotor de eventos esportivos se alinha com as estratégias de modernização urbana discutidas no contexto da atuação do prefeito Mário Pessoa. Enquanto o prefeito se empenhava em transformar Ilhéus por meio de iniciativas administrativas, como observado em seu encontro com jornalistas e na promoção do desenvolvimento urbano da cidade, Cásper Líbero utilizava o esporte como um mecanismo para transformar o cenário paulistano. Ambos, embora em contextos diferentes, buscavam utilizar a mídia e os eventos públicos como plataformas de progresso social e urbano (Medeiros; Silva, 2024).

No caso de Cásper Líbero, os eventos esportivos como a São Silvestre e a Travessia de São Paulo a Nado não apenas promoveram o esporte, mas ainda reforçaram o papel da imprensa como agente de transformação social, integrando o desporto ao imaginário popular e associando-o ao crescimento urbano e à moralidade cívica. Assim como a modernização de Ilhéus foi amplamente divulgada por *A Gazeta* e outros veículos, o sucesso dos eventos esportivos organizados pelo jornal evidenciava uma preocupação comum: o uso de iniciativas públicas, sejam esportivas ou administrativas, para projetar uma imagem de progresso e dinamismo das cidades (Medeiros; Silva, 2024).

A visita de Mário Pessoa às dependências do periódico não se restringiu apenas à matéria veiculada no jornal. É importante destacar que o jornalista

15 Cedoc/Uesc. Em SP o prefeito de Ilhéus. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 223, 24 abr. 1940, p. 3.019.

16 Cedoc/Uesc. O prefeito de Ilhéus em S. Paulo. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 224, 27 abr. 1940, p. 3.031.

Cásper Líbero foi o idealizador da famosa Corrida de São Silvestre na cidade de São Paulo, em 1925. Ao adquirir o periódico *A Gazeta*, Líbero estabeleceu uma seção dedicada ao esporte. Em 1928, inaugurou a *Gazeta Esportiva*, que passou a ser vinculada ao jornal todas as segundas-feiras. Em 1947, o caderno desportivo semanal conquistou independência e tornou-se um dos principais jornais esportivos da época (Toledo, 2012).

A ausência de Mário Pessoa na inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu, apesar de notável, não parece ter prejudicado suas relações políticas ou sua influência no cenário paulistano.¹⁷ Sua visita anterior ao estádio, acompanhada por Adhemar de Barros, então interventor de São Paulo, sugere que ele estava inserido nos círculos políticos importantes, mesmo que sua presença oficial no evento de abertura não tenha sido registrada. Essa circunstância ecoa a ideia de que os atos simbólicos de presença pública e participação em eventos eram fundamentais para consolidar imagens de liderança e progresso urbano. Assim como Cásper Líbero usava os eventos esportivos para promover o desenvolvimento social e urbano por meio do esporte, a relação de Mário Pessoa com as obras públicas e com figuras de destaque político, como Barros, reforça a importância das parcerias e aparições estratégicas como forma de sustentar sua imagem como gestor comprometido com o desenvolvimento de Ilhéus, ainda que o convite formal para as solenidades não tenha sido mencionado nos registros. Ambos os casos demonstram como a política urbana e o esporte, apoiados pela mídia, eram ferramentas fundamentais para promover uma narrativa de modernidade, mesmo em momentos de ausência simbólica.

O prazo estendido para a conclusão do Estádio Municipal de Ilhéus foi até 30 de maio de 1940, mas sua abertura oficial ocorreu apenas durante as festividades do aniversário da cidade. No decorrer da cerimônia, foram celebradas inúmeras melhorias urbanas. No dia 28 de junho de 1940, uma diversidade de eventos esportivos marcou o início das celebrações no estádio. A programação foi variada e incluiu performances de ginástica realizadas pelos estudantes do Ginásio Municipal, seguidas por um jogo de futebol entre o Esporte Clube Bahia e o Esporte Clube Ypiranga, ambas agremiações de Salvador.¹⁸

17 Cedoc/Uesc. Em SP o prefeito de Ilhéus. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 223, 24 abr. 1940, p. 3.019.

18 Cedoc/Uesc. As grandes e solenes comemorações do dia da cidade. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 243, 4 jul. 1940, p. 3.263.

A repercussão no país da inauguração do Estádio Municipal Mário Pessoa

Em 4 de janeiro de 1939, o jornal *Estado da Bahia* evidenciou em sua matéria de capa a inauguração do Ginásio Municipal de Ilhéus,¹⁹ atualmente denominado Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne – o principal responsável pelo projeto –, personagem que é elogiado pelo prefeito Mário Pessoa ao longo de sua fala no evento. Antes do início da abertura do Ginásio Municipal, um complexo educacional e esportivo, ocorreu uma cerimônia que teve início com celebrações na catedral. Às 10 horas, foi realizado o corte simbólico da fita pelo interventor na Bahia, dr. Perillo Benjamin, juiz de direito indicado pelo governo federal. Logo após, os presentes se dirigiram ao local onde foi conduzida a cerimônia de lançamento da pedra fundamental do estádio municipal. Ao evidenciar as conquistas da cidade, o periódico destacou o seu desenvolvimento urbano, educacional e esportivo. No decurso do dia, a Praça Florêncio Gomes foi aberta à população.

A repercussão das *premières* que ocorriam em Ilhéus não se restringiu ao estado. No Rio de Janeiro, então capital federal, os periódicos relatavam as ocorrências. Em uma matéria especial para a *Revista Carioca* de agosto de 1939, Jorge Amado (Figura 5), seu mais ilustre representante na hodiernidade, descreve “a cidade do cacau” (p. 4). Amado começa afirmando: “Existem cidades ricas que têm um ar pobre, um ar avarento. Outras cidades são pobres e no entanto nos aparecem como ricas, ostentando casas e ruas, como boêmios esbanjadores. Ilhéus é diferente”.²⁰ Prossegue seu diagnóstico exaltando que, ao chegar à urbe, o viajante logo percebe um ar de riqueza, o movimento intenso da diminuta cidade, “as edificações caras, os jardins que se sucedem, as muitas obras em início que sempre existem, mostram ao viajante que está diante de uma cidade que tem dinheiro e trabalha”. Esses elementos, segundo Amado, indicam que Ilhéus é uma cidade próspera, que tem pecúlio e está em constante desenvolvimento.

19 Arquivo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (ABPEB). Inaugurado o ginásio de Ilhéus. *Estado da Bahia*, n. 604, 4 jan. 1939, p. 1.

20 BNDigital. AMADO, Jorge. Ilhéus, a cidade do cacau. *Revista Carioca*. Rio de Janeiro, n. 201, 19 ago. 1939, p. 4.



Figura 5 – Vista do Ginásio Municipal, onde pode-se notar a arquibancada em madeira do lado esquerdo atrás do prédio, do antigo Clube Satélite, que deu lugar ao estádio municipal. Fonte: Revista Carioca, Rio de Janeiro, n. 201, 19 ago. 1939, p. 4

À luz do debate sobre *modernismos vernáculos* (Hansen, 1999), reanimado para o contexto brasileiro por Conde e Shaw (2022), a experiência ilheense evidencia que a modernidade não se circunscreveu às capitais nacionais: foi ainda produzida e consumida em cidades médias do Nordeste, com características próprias da região. Em Ilhéus, a cultura cacaueira operou como matriz de modernização – financeira, material e simbólica – capaz de articular obras de arquitetura escolar e esportiva, rituais cívicos, espetáculos futebolísticos e ampla circulação midiática. Nesse arranjo, imprensa, política local e economia do cacau converteram o Ginásio Municipal e o Estádio Mário Pessoa em dispositivos públicos de visibilidade – mostruários de uma modernidade “à moda do cacau” – nos quais referências externas de civilidade foram traduzidas e apropriadas segundo expectativas regionais de progresso.

Jorge Amado justifica o epíteto de “rainha do Sul” ao explicar que “existe na cidade um certo ar de quem comanda todas as belas e prósperas cidades vizinhas: Itabuna, Canavieiras, Belmonte” (1939, p. 4). Todas essas abonações foram feitas para contextualizar a inauguração do primeiro Ginásio Municipal de Ensino encrustado no interior, um marco de grandeza em uma cidade reputada como hinterlândia, que aspirava deixar a periferia e destacar-se como um centro urbano de relevância. Amado reforça essa ambição ao afirmar que

Ilhéus já seguia um ritmo de modernização típico das cidades do sul do Brasil. A demanda pela modernidade é evidente nas palavras do escritor, quando ele observa que “é cada dia mais uma cidade de casas modernas” (p. 4).

Os registros jornalísticos indicam que, já nos anos 1920, Ilhéus cultivava a imagem de uma cidade voltada ao progresso, associando jardins e arborização como símbolos de prosperidade e refinamento social. O *Correio de Ilhéus*,²¹ em 1927, chegou a cobrar maior cuidado com flores e quintais, apontando que em toda cidade considerada civilizada tais elementos eram indispensáveis. O periódico citava ainda a presença de novas edificações dotadas de requisitos higiênicos modernos, o aumento no número de automóveis e o empenho da administração municipal em importar plantas raras para embelezar os espaços públicos. Poucos anos depois, em 1935, o jornal soteropolitano *O Imparcial*²² reforçaria essa imagem ao comparar negativamente as ruas de Salvador com as de Ilhéus, salientando a arborização da “Princesinha do Sul” como um diferencial urbano em relação à capital baiana.

Na coluna Telegramas do Interior, o *Jornal do Brasil* comentou sobre o desenvolvimento da urbe, destacando a inauguração do novo serviço de iluminação pública.²³ Já o *Diário de Notícias* soteropolitano, em 28 de junho de 1940, ressaltou o embarque da delegação do Sport Clube Bahia no dia anterior, com o objetivo de “inaugurar o monumental estádio de Ilhéus”.²⁴ O adjetivo “monumental” demonstra a relevância da inauguração do estádio não apenas como uma praça futebolística, mas como um instrumento de promoção social e urbana. A participação de dois clubes de prestígio na época, como o Bahia e o Ypiranga, reforça o papel das competições e eventos esportivos na integração regional e na consolidação da imagem urbana de Ilhéus.

Finalmente, o matutino esportivo *Jornal dos Sports* do Rio de Janeiro trouxe a notícia: “Inaugurado o Estádio Municipal da Bahia – Monumental, a praça de esportes de Ilhéus”.²⁵ O noticiário exalta a construção como a única com cimento armado presente nas regiões Norte e Nordeste do país. Aliás, cita um telegrama enviado pelo Botafogo Futebol Clube do Rio de Janeiro: “O Botafogo felicita os

21 Cedoc/Uesc. Cultivai os vossos jardins: por que não há flores em Ilhéus? *Correio de Ilhéus*, Ilhéus, n. 879, p. 1, 16 abr. 1927.

22 ABPEB. Notas e tópicos: arborização na Bahia. *O Imparcial*, Salvador, ed. 1.483, p. 4, 16 out. 1935.

23 BNDigital. Telegramas do interior – Bahia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 296, 15 de dez. 1939, p. 15.

24 ABPEB. O embarque do S. C. Bahia. *Diário de Notícias*, Salvador, 28 de jun. 1940, p. 5.

25 BNDigital. Inaugurado o Estádio Municipal da Bahia – Monumental, a praça de esportes de Ilhéus. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, n. 3.341, 3 jul. 1940, p. 6.

desportistas de Ilhéus pela inauguração do seu magnífico estádio, obra que assegura ao vosso governo o direito de uma página na história do esporte do Brasil”.

Nos veículos de imprensa da cidade do Rio de Janeiro, diversas notícias concernentes ao progresso urbano de Ilhéus foram relatadas. A partir das reflexões de Albuquerque Jr. (2011), é possível compreender que a legitimação da modernidade nordestina ocorreu, em grande parte, pelo olhar dos centros hegemônicos, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo, que, ao publicarem matérias, imagens e romances, contribuíram para moldar como o país deveria perceber o Nordeste. Uma dessas comunicações focou a visita à cidade de uma comitiva liderada pelo auditor Landulpho Alves, presidente do Tribunal de Apelações, para a inauguração do Estádio Municipal Mário Pessoa, conforme descrito no periódico *A Noite*.²⁶ O grupo foi recebido com festividades após o desembarque e participou de um desfile cívico-militar em homenagem ao governo estadual. Durante o dia, diversas melhorias foram inauguradas, incluindo a praça José Marcelino, trechos pavimentados da avenida Dois de Julho e a pedra fundamental do Ofício Receptor de Renda. O auditor ainda abriu a Exposição Municipal de Animais e Produtos Derivados, além de visitar obras públicas, como a Escola Rural Landulpho Alves.²⁷

No período de 1937 a 1945, o controle social foi uma busca constante por meio do futebol como estratégia para legitimar o Estado Novo. A administração de Getúlio Vargas visava deter em suas rédeas os poderes estabelecidos, utilizando parâmetros para forjicar uma nação unificada, ao impor uma única ideologia. Essa estratégia buscava criar uma massa populacional coesa e submissa ao sistema (Ferreira, 2008; Oliveira, 1988).

No decorrer do mês de junho, o *Jornal Oficial de Ilhéus* divulgou os locais de venda e os preços dos ingressos à população, ressaltando que: “Não haverá entradas de favor”.²⁸ Uma abordagem mais concisa, porém igualmente informativa, foi apresentada na coluna Última Hora Esportiva da folha *O Estado de Florianópolis*, que detalhou a receita obtida com a peleja entre Bahia e Ypiranga, realizada no dia da inauguração, estimada em 30 contos de réis.²⁹

O jornal *Diário de Notícias*, da então capital federal, noticiou a inauguração do estádio, juntamente com outras obras concluídas no mesmo ano na cidade de

26 BNDigital. Inaugurado em Ilhéus vários melhoramentos. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 10.206, 10 jul. 1940, p. 2.

27 ABPEB. O embarque do S. C. Bahia. *Diário de Notícias*, Salvador, 28 de jun. 1940, p. 5.

28 Cedoc/Uesc. Estádio Municipal. *Jornal Oficial de Ilhéus*, n. 239, 19 jun. 1940, p. 3.215.

29 BNDigital. Última Hora Esportiva – Inaugurado o estádio em Ilhéus. *O Estado de Florianópolis*, Florianópolis, n. 7.997, 3 jul. 1940, p. 6.

Ilhéus.³⁰ Ainda em 1941, a urbe recebeu ampla cobertura do *Diário da Manhã* (PE), que dedicou seis páginas, de uma edição de 24 páginas, a Ilhéus (Figura 6).³¹ Uma dessas páginas foi reservada a uma visão geral do estado da Bahia, enquanto as demais foram exclusivamente dirigidas para abordar o desenvolvimento de Ilhéus.

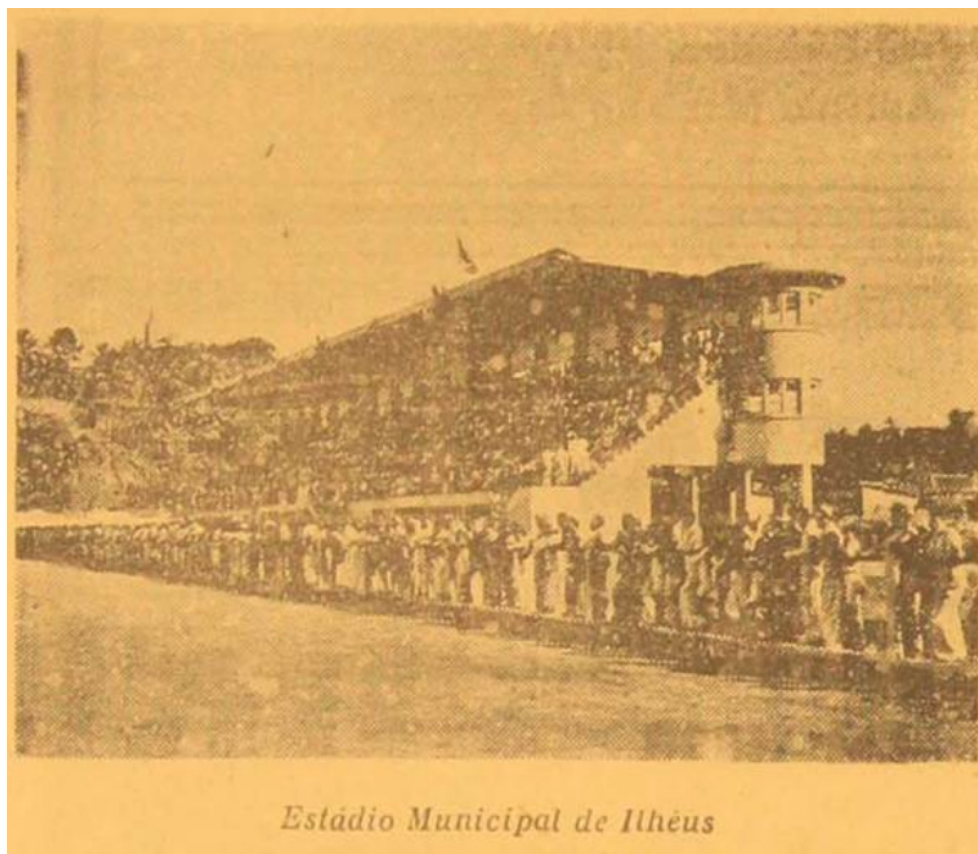


Figura 6 – A visão lateral da arquibancada e a perspectiva geral do estádio apresenta detalhes arredondados, característica marcante do traço modernista da época, que se alinham à arquitetura do Ginásio Municipal de Ensino Eusínio Lavigne. Fonte: *Diário da Manhã* (PE), domingo, 7 set. 1941, p. 15

O periódico *Diário da Manhã* de Pernambuco exalta a cidade com o título: “Ilhéus e o seu progresso – Melhoramentos realizados na princesa do Sul” (p. 15). O artigo argumenta sobre a diversidade de variedades de cacau presentes

³⁰ BNDigital. Bahia – Melhoramentos inaugurados em Ilhéus. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 5.610, 8 fev. 1941, p. 2.

³¹ BNDigital. Ilhéus e o seu progresso. *Diário da Manhã*, Recife, n. 907, 7 set. 1941, p. 8 e 15.

na região, destacando a gestão moderna do prefeito Mário Pessoa. Ademais, enfatiza a importância da firma Kaufmann & Tavares, que se estabeleceu em Ilhéus e se tornou a maior indústria de derivados de cacau da América do Sul, evidenciando o papel crucial da industrialização do – denominado na época por Adonias Filho (1976) – “fruto de ouro” para o desenvolvimento econômico da região. Na nona página do periódico mencionado, foi veiculado um fragmento do jornal *Diário da Tarde* de Ilhéus, que traz uma análise dos feitos do prefeito Mário Pessoa, sob o título “Um administrador moderno”, atribuída ao articulista Oscar Tavares. Nessa coluna, o prefeito é comparado metaforicamente a um artista, e sua administração é equiparada à grandiosidade da cidade de Ilhéus. O texto elogia o estádio, descrevendo-o como “majestoso” e sublinhando sua importância como uma obra arquitetônica e um símbolo do progresso e dinamismo que caracterizam a gestão de Mário Pessoa.³² Essa metáfora destaca a visão inovadora do prefeito e sua capacidade de transformar a cidade em um espaço vanguardista e vibrante.

Em sintonia com os argumentos de Antônio Fernando Guerreiro de Freitas (2023), é oportuno salientar que, em 1936, foi constituída a Sociedade Anônima Companhia Agrícola Cacaueira da Bahia, sediada em Salvador, com capital de 10.000:000\$000, formado por recursos financeiros e bens imobiliários das empresas Wildberger & Cia e Rapold, Manz & Cia. Entre seus objetivos estavam o fomento à cultura do cacau, a aquisição e arrendamento de propriedades agrícolas, bem como a exploração de outros cultivos conforme as condições do solo. A companhia reunia em seu patrimônio 118 fazendas, distribuídas por municípios da região cacaueira, totalizando mais de 2,7 milhões de pés de cacau plantados em cerca de 14.643 hectares. Não obstante, a constituição dessa sociedade não se limitava a fortalecer o setor, mas representava uma estratégia de concentração econômica: ao fixar preços do cacau em desacordo com o mercado internacional, criava dificuldades para pequenos e médios produtores, que frequentemente se endividavam e acabavam hipotecando suas terras como forma de pagamento. Dessarte, o processo resultava na transferência da propriedade da terra para grandes companhias, enfraquecendo a autonomia dos produtores de menor porte. Mesmo que esse movimento seja interessante para compreender a dinâmica econômica da região, não constitui o objeto central do texto ora em tela, que se concentra em analisar a repercussão da construção do ginásio e do estádio como símbolos da reestruturação urbana de Ilhéus.

32 BNDigital. Um administrador moderno. *Diário da Manhã*, Recife, n. 907, 7 set. 1941, p. 9 e 14.

Ao retomar a matéria do periódico *Diário da Manhã* (PE), na página 14, Eugênio de Castro apresentou uma narrativa sobre a fundação da cidade, acompanhada por uma imagem bem composta do Ginásio Municipal de Ilhéus. Apesar da limitação imposta pela disposição da fotografia do estádio, os traços retos e bordas arredondadas da arquitetura modernista foram destacados, evidenciando a harmonia entre os elementos que compõem esse complexo educacional e esportivo. Essa conexão arquitetônica reforça a identidade visual de Ilhéus, ilustrando como o design do Ginásio Municipal e do estádio municipal se complementam e representam a busca pela modernidade e pelo progresso.³³

Ao chegar na página 15, encontra-se uma foto da arquibancada do Estádio Municipal de Ilhéus (Figura 6), na qual é afirmado que o projeto foi concebido por Miguel Calmon Sobrinho.³⁴ Não obstante, essa informação contrasta com dados já disponibilizados na *Revista da Diretoria de Engenharia do Distrito Federal*, que documenta o resultado de um concurso para a construção de prédios públicos, incluindo um projeto do estádio que já existia anteriormente.³⁵ Essa discrepância ressalta a necessidade de uma análise mais rigorosa sobre a autoria e a cronologia das obras, refletindo a complexidade do processo de construção e a evolução do planejamento urbano da cidade.

Naquele momento, Ilhéus e a produção cacaujeira eram a salvação da economia da Bahia, em contraste com a decadência dos engenhos de açúcar e do algodão (Freitas, 2023). O *Diário de Pernambuco* retrata essa realidade ao destacar que, em 1940, a exportação de cacau alcançou 50 mil toneladas.³⁶ O *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, noticiou a criação da escola primária do Sindicato dos Ferroviários de Ilhéus, inaugurada em comemoração ao aniversário de Getúlio Vargas, evidenciando o alinhamento com o Estado Novo.³⁷ Outrossim, o jornal mencionou a receita municipal de Ilhéus em 1941, que só ficava atrás de Salvador.³⁸ Em um telegrama enviado ao presidente Vargas, o prefeito destacou a arrecadação do ano de 1941, que somou 4.157:566\$22 contos de réis, com um superávit de 476:775\$622 contos de réis. O prefeito ainda informou que,

33 BNDigital. A capital do Ilhéus. *Diário da Manhã*, Recife, n. 907, 7 set. 1941, p. 14.

34 BNDigital. Ilhéus e o seu progresso. *Diário da Manhã*, Recife, n. 907, 7 set. 1941, p. 15.

35 BNDigital. ALTBURG, Alexandre; LANDUCCI, Lelio. Concurso para a construção de edifícios em Ilhéus. *Revista da Diretoria de Engenharia*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 6-9, 1934.

36 BNDigital. 50 mil toneladas. *Diário de Pernambuco*, n. 137, 18 jun. 1941, p. 2.

37 BNDigital. Inaugurada a escola primária de um sindicato. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 14.251, p. 9, 1941.

38 BNDigital. Boa a renda de Ilhéus. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 14.476, 11 jan. 1942, p. 21.

estatisticamente, Ilhéus superou dez capitais brasileiras em arrecadação, um feito notável para a época, especialmente considerando o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial.³⁹

Em 1942, uma análise publicada no *Correio da Manhã* (RJ) destaca que o ginásio e o estádio municipal (Figura 7),⁴⁰ entre outras inúmeras obras mensuradas na matéria, tornaram-se símbolos de grandiosidade e farol para outros estados, associados ao desenvolvimento econômico impulsionado pela monocultura do cacau em Ilhéus. O prefeito Mário Pessoa, em sua segunda gestão, enfatiza que, desde 19 de maio de 1938, a arrecadação da cidade registra superávit sem a necessidade de aumentar os impostos. Esse fato tem promovido um surto de civilidade e um espriar de modernização na urbe, transformando Ilhéus em um modelo de progresso.



Figura 7 – Os destaques da administração pública em Ilhéus. Fonte: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 14.609, 19 jun. 1942, p. 12

39 BNDigital. A arrecadação da Prefeitura de Ilhéus. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 14.488, 25 jan. 1942, p. 2.

40 BNDigital. Progresso da terra do cacau. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 14.609, 19 jun. 1942, p. 12.

A edição destaca duas fotografias: uma do ginásio ao lado do estádio municipal, e outra de Nova Iguaçu, dispostas em colunas paralelas, ambas ilustrando o tema do desenvolvimento e do progresso em cidades brasileiras. O periódico não apenas registrava as transformações em Ilhéus, mas ainda reforçava a ideia de que a cidade atravessava um período de notável avanço, mesmo sendo uma urbe do interior com características únicas em relação a outras regiões do país. Essa matéria ainda enfatizou a participação do interventor estadual nas inaugurações do ginásio, do estádio e do Mercado Municipal, ressaltando o impacto significativo desses eventos para a comunidade local e evidenciando o papel dessas obras na reestruturação urbana.

Conclusões

A pesquisa ora em tela permitiu entender que o cacau foi o principal motor do desenvolvimento econômico de Ilhéus, entre 1890 e 1942. A riqueza gerada pela monocultura cacaeira anuiu investimentos significativos em urbanização, lazer e educação, transformando a cidade em um símbolo de progresso e civilidade no interior nordestino, impulsionando sua busca por modernidade. Obras emblemáticas, como o Ginásio Municipal e o estádio, não apenas supriram necessidades locais, mas projetaram uma imagem de progresso, conectando Ilhéus às tendências urbanas das grandes capitais brasileiras.

A construção do Estádio Municipal Mário Pessoa consolidou Ilhéus como um centro regional de modernização. Outras intervenções, como a nova iluminação pública, escolas e a pavimentação de ruas, refletiram a ambição de apresentar um modelo urbano ao Nordeste. A arquitetura modernista e os investimentos em infraestrutura mostraram o compromisso das lideranças locais pela busca da modernidade, renovando a paisagem citadina.

Nesse contexto, o encontro entre o prefeito Mário Pessoa e Cásper Líbero, em São Paulo, destacou o papel fundamental da mídia na promoção do desenvolvimento urbano, ao evidenciar como a política, a mídia e o esporte foram utilizados para promover uma visão de prosperidade que beneficiou a efígie de Ilhéus. A atuação de Líbero à frente da Gazeta, associando o esporte à modernidade, pode ter sido o espelho da estratégia de Mário Pessoa em Ilhéus, que utilizou o desporto e as obras públicas para projetar a cidade como um polo de progresso e civilidade.

À guisa de conclusão, retomando a epígrafe de Antônio Fernando Guerreiro de Freitas (2023) apresentada no início deste texto, pode-se sugerir que o desejo de reestruturação urbana de Ilhéus, impulsionado pela monocultura cacaeira,

não se restringiu apenas à transformação física da cidade. Conforme observa Albuquerque Jr. (2011), a invenção modernista do Nordeste mostrou que a modernidade não se restringia a obras materiais, como ginásios ou estádios, mas incluía, sobretudo, a criação de uma identidade cultural capaz de situar a região como parte de um Brasil em transformação. Nesse sentido, em Ilhéus, a ânsia de melhorias voltadas à educação, ao esporte e à promoção da sociabilidade, articulada à remodelação urbanística, buscou moldar um imaginário coletivo de progresso que foi fundamental, naquele período, para consolidar a alcunha da urbe como “Princesinha do Sul”.

Os pesquisadores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) pela concessão da bolsa de iniciação científica para a realização da investigação, e à Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc) pelo apoio financeiro ao projeto de pesquisa “A edificação do Estádio Municipal Mário Pessoa”, com registro na Propp n. SEI 073.6769.2022.0027934-71, que resultou na elaboração deste artigo.

Fontes

Centro de Documentação Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz (Cedoc/Uesc): *Jornal Oficial de Ilhéus e Diário da Tarde*.
Documentos públicos da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital): *Correio da Manhã* (RJ), *Diário da Manhã* (Recife), *Diário de Notícias* (RJ), *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Brasil* (RJ), *Jornal dos Sports* (RJ), *O Estado de Florianópolis* (Florianópolis), *Revista da Diretoria de Engenharia* (RJ).
Arquivo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (ABPEB): *Diário de Notícias*, *O Imparcial* e *O Estado da Bahia*, Salvador, Bahia.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
ADONIAS FILHO. *Sul da Bahia: chão de cacau* (uma civilização regional). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
ANDRADE JÚNIOR, Nivaldo Vieira de; ANDRADE, Maria Rosa Carvalho; FREIRE, Raquel Neimann da Cunha. O Iphan e os desafios da preservação do patrimônio moderno: A aplicação na Bahia do Inventário Nacional da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Modernos. In: SEGRE, Roberto; AZEVEDO, Marlice; COSTA, Renato Gama-Rosa; ANDRADE, Inês El-Jaick (org.). *Arquitetura, arte e cidade: um debate internacional*. 1. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010. p. 333-348.
BENCHIMOL, Jaime Larry. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República* (1889- 1930). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
CONDE, Maite; SHAW, Lisa. Towards an alternative 1922: popular culture and Rio de Janeiro’s vernacular

- Modernisms. *Revista Brasileira de História*, v. 42, p. 97-123, 2022.
- DIAS, Cleber; COTES, Marcial. Esportes, lazer e desenvolvimento econômico em Ilhéus (c. 1890-1930). *Revista Brasileira de História*, v. 42, n. 91, p. 359-384, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93472022v42n91-17>.
- DIAS, Marcelo Henrique. *Farinha, madeiras e cabotagem: a capitania de Ilhéus no antigo sistema colonial*. Ilhéus: Editus, 2011.
- FERREIRA, João Fernando. *A construção do Pacaembu*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREITAS, Antônio Guerreiro de; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. *Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a Princesa do Sul- Ilhéus, 1534-1940*. Ilhéus: Editus, 2001.
- FREITAS, Antônio Guerreiro de. *A Bahia em pedaços*. Tradução de Aloísio Santos da Cunha e Rafael Sancho Carvalho da Silva. Ilhéus: Editus, 2023.
- GARCEZ, Angelina Nobre e Rolin; FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro. *Diagnóstico socioeconômico da região cacauífera: história econômica e social*. v. 8. Rio de Janeiro: Carto-Gráfica; Cruzeiro do Sul, 1975.
- HANSEN, Miriam. The mass production of the senses: classical cinema as vernacular Modernism. *Modernism/Modernity*, v. 6, n. 2, p. 59-77, 1999.
- HOBBSAWN, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LOYOLA, Marcelo; GUTIÉRREZ, Horacio. Cachaça e mercado interno em Ilhéus, Bahia (1862-1889). *Acervo: revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 1-19, 2024.
- MAHONY, Mary Ann. Um passado para justificar o presente: memória coletiva, representação histórica e dominação política na região cacauífera da Bahia. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 10, n. 18, p. 737-798, 2007.
- MAHONY, Mary Ann. *The world cacao made: society, politics, and history in Southern Bahia, Brazil, (1822-1919)*. (Doctoral thesis) – Faculty of the Graduate School of Yale University, New Haven, EUA, 1996.
- MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de; SILVA, Marcelo Moraes e. “Pela difusão do esporte paulistano”: a corrida de São Silvestre nas páginas d’A Gazeta (1925-1932). *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 80, p. 245-273, 2024. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v80p245-273>.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, C. S. (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 9-29.
- MOREIRA, Pedro. Alexandre Altberg e a arquitetura nova no Rio de Janeiro. *Vitruvius*, p. 1-14, 2005. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq058/arq058_00.asp. Acesso em: 4 maio 2025.
- MOREIRA, Pedro. Alexandre Altberg y la arquitectura nueva en Rio de Janeiro. *Instituto de Arquitectura Tropical*, Costa Rica, p. 1-35, sept. 2009.
- NORTE, Ramom de Sousa; SANTANA, Thiago Santos de; NUNES, Fabio Santana; COTES, Marcial. Pugnas internacionais: ilheenses versus tripulantes britânicos do navio de guerra Delhi em 1930. *Recorde: revista de História do Esporte*, v. 15, n. 1, 2022. p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/52793>. Acesso em: 25 out. 2022.
- OLIVEIRA, Lúcia L. *Estado Novo, ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- OLIVEIRA, O. M. G. *A expansão urbana da cidade de Ilhéus – Bahia e a ocupação dos manguezais: o caso do bairro São Domingos*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental Urbana) – Escola Politécnica, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História & história e cultura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- RIBEIRO, André Luiz Rosa. *Memória e identidade: reformas urbanas e arquitetura cemiterial na região cacauífera (1880-1950)*. Ilhéus: Editus, 2005.
- RONCAYOLO, Marcel. Mutações do espaço urbano: a nova estrutura da Paris haussmanniana. Tradução de Eveline Bouteiller. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 18, jan./jun. 1999.
- RUSSEL-WOOD, Anthony John R. Centros e periferias no mundo luso-brasileiro, 1500-1808. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 187-250, 1998. DOI: [S0102-01881998000200010](https://doi.org/10.1590/S0102-01881998000200010).
- SANTANA, Thiago Santos de; NORTE, Ramom de Sousa; NUNES, Fabio Santana; SILVA, Aldo José M.; COTES, Marcial. Sport in Ilhéus and the consolidation of the Geographical and Historical Institute of Bahia (1921). *Movimento*, v. 28, p. e28030, 2022. DOI: [10.22456/1982-8918.113797](https://doi.org/10.22456/1982-8918.113797).
- SILVA, Bruna Dantas da; COTES, Marcial. “Foi um Rio que passou em minha vida”: Ilhéus e a busca da modernidade (1921-1930). *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 78, p. 392-425, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.113797>.

org/10.23925/2176-2767.2023v78p392-425.

SOUB, José Nazal Pacheco. *Minha Ilhéus: fotografias do século XX e um pouco de história*. 3. ed. Itabuna, BA: Via Litterarum, 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique. A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MELO, Victor Andrade et al. (org.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 52-79.

VIANNA NETO, Liszt. *Modernismo, socialismo e exílio: Alexander Altberg no Rio de Janeiro da Era Vargas (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

Recebido em 1/3/2025

Aprovado em 1/10/2025